

15 milhões de livros vendidos

K R I S T I N H A N N A H

Tempo de regresso



“Kristin Hannah tem muito talento para mergulhar na mente de seus personagens e descrever sentimentos complexos.”

The Washington Post



Para minha irmã, Laura.

Para meu pai, Laurence.

E, como sempre, para Benjamin e Tucker.

Amo todos vocês.

“Não vemos as coisas como elas são;
vemos como nós somos.”

– ANAÏS NIN

“Se o amor é a resposta,
pode por favor repetir a pergunta?”

– LILY TOMLIN

CARO LEITOR



Olá, seja bem-vindo! Escrevo esta carta sob o sol do Havaí – muito, muito longe das imensas árvores e dos picos montanhosos que permeiam a paisagem deste livro. Adoro os dois lugares, por diferentes razões. O Havaí, pelo sol e pelo som das ondas; já o oeste de Washington é meu lar e amo sua paz, esplendor e beleza. Sempre tenho esperança de que, ao mergulhar no meu mundo, cada leitor passe a enxergar a costa norte do Pacífico com outros olhos.

Se este for seu primeiro contato com meu trabalho, espero que goste. Quando eu descubro um novo autor, procuro saber se há outras obras por aí que eu possa apreciar. Nesse espírito, apresento *Tempo de regresso*. Assim como meus trabalhos mais recentes, este é um romance sobre mulheres em conflito e crise, que aprendem a enfrentar as dificuldades modernas confiando em si mesmas, nos amigos e na família. Quanto mais o tempo passa, mais compreendo quanto preciso de outras mulheres. Por isso, acho, insisto em escrever sobre nossas relações. O que fariamos sem nossas irmãs e amigas? Se você gostou de Kate e Tully de *Amigas para sempre*, tenho certeza de que vai gostar de conhecer Meghann e Claire.

E acho que também vai encontrar algo inesperado: um pouco de humor. Embora o livro aborde questões difíceis, que geram ótimos debates em clubes de leitura – como abandono, afastamento, perda de um amor, problemas de saúde e duas irmãs que nunca aprenderam de fato a ser uma família –, espero que esta história seja capaz de provocar não apenas lágrimas, mas também sorrisos.

Tomara que você goste de passar algumas horas no belo canto do mundo que eu chamo de lar, com duas de minhas personagens favoritas. Com sorte, ao final do livro você vai estar com vontade de telefonar para a sua irmã ou o seu irmão.

Com amor,
Kristin Hannah

UM



A Dra. Harriet Bloom aguardava pacientemente uma resposta. Meghann Dontess se recostou na cadeira e encarou as próprias mãos. Estava precisando de uma manicure. Já tinha passado da hora.

– Eu tento não pensar demais, Harriet. Você sabe. Acho que me impede de aproveitar a vida.

– É por isso que você vem aqui toda semana há quatro anos? Porque aproveita demais a vida?

– Melhor nem sugerir isso. Põe em dúvida sua habilidade como psiquiatra. Talvez eu fosse totalmente normal quando te conheci, e na verdade é você que está *me enlouquecendo*.

– Você está usando humor para não tocar na questão principal, como sempre.

– Não exagera. Nem foi engraçado.

Harriet não sorriu.

– Eu quase nunca te acho engraçada.

– Lá se vai o meu sonho de ser comediante.

– Vamos falar sobre o dia em que você e Claire foram separadas.

Meghann se remexeu na cadeira, incomodada. Justamente quando precisava de uma resposta afiada, teve um branco. Ela sabia o que Harriet queria, e Harriet estava ciente de que ela sabia. Se Meghann não respondesse, a psiquiatra repetiria a pergunta.

– Separadas. Uma boa palavra, simples. Objetiva. Eu até gosto, mas esse assunto está encerrado.

– É curioso você manter uma relação com a sua mãe, mas se afastar da sua irmã. Meghann deu de ombros.

– Mamãe é atriz. Eu sou advogada. Nós duas gostamos de fingir.

– Como assim?

– Você já viu alguma entrevista dela?

– Não.

– Ela sempre fala que a gente teve uma vida humilde, sofrida, mas cheia de amor. E a gente finge que é verdade.

– Vocês moravam em Bakersfield quando essa farsa de vida sofrida, mas cheia de amor acabou, não é?

Meghann permaneceu em silêncio. Harriet a conduziu de volta ao assunto doloroso como se ela fosse um ratinho em um labirinto.

– Claire tinha 9 anos – prosseguiu Harriet. – Tinha perdido vários dentes de leite, se não me falha a memória, e ia mal em matemática.

– Já chega.

Meghann agarrou os braços finos da cadeira de madeira.

Harriet a encarou. Sob as sobrancelhas escuras e grossas, seu olhar era firme. Os óculos de aro redondo aumentavam seus olhos.

– Não foge, Meg. Estamos progredindo.

– Se a gente progredir mais, vou precisar de uma ambulância. A gente devia falar sobre o meu trabalho. É para isso que eu venho aqui, sabia? A Vara de Família está parecendo uma panela de pressão. Ontem apareceu um pai caloteiro pilotando uma Ferrari e jurando que estava sem grana. Um babaca. Não queria pagar a escola da filha. Para o azar dele, eu o filmei chegando.

– Por que você paga essas consultas se não quer conversar sobre a raiz dos seus problemas?

– Eu tenho questões, não problemas. E não faz sentido ficar remexendo o passado. Eu tinha 16 anos quando isso tudo aconteceu. Agora já estou com 42. Está na hora de superar. Eu fiz a coisa certa. Não importa mais.

– Então por que você continua tendo o mesmo pesadelo?

Ela remexeu no bracelete de prata David Yurman em seu pulso.

– Eu também tenho pesadelos com aranhas usando óculos escuros da Oakley. Mas sobre isso você nunca pergunta. Ah, e semana passada eu sonhei que estava presa numa sala de vidro com o chão todo feito de bacon. Eu ouvia um pessoal chorando, mas não conseguia encontrar a chave. Quer falar sobre esse sonho?

– Muito bem, vamos falar sobre esse sonho. Sensação de isolamento. Consciência de que alguém está incomodado com as suas atitudes ou sentindo a sua falta. Quem estava chorando?

– Merda.

Meghann devia ter previsto. Afinal de contas, tivera aulas de psicologia na faculdade. Sem mencionar que fora considerada uma criança prodígio.

Ela olhou para seu relógio de ouro e platina.

– Que pena, Harriet. A consulta acabou. Acho que vamos ter que resolver as minhas neuroses ridículas na semana que vem.

Ela se levantou e alisou a calça do terninho Armani azul-marinho. Não que estivesse amarrotada.

Harriet tirou os óculos devagar.

Meghann cruzou os braços em um gesto instintivo de autoproteção.

– Lá vem.

– Você gosta da sua vida, Meghann?

Por essa ela não esperava.

– Claro que gosto. Sou a melhor advogada especialista em divórcios do estado.

Moro...

– Sozinha...

– Num apartamento incrível em cima do Mercado Público e tenho um Porsche novinho na garagem.

– Amigos?

– Falo com a Elizabeth toda quinta à noite.

– Família?

Talvez estivesse na hora de trocar de psiquiatra. Harriet já conhecia todos os pontos fracos de Meghann.

– Minha mãe passou uma semana comigo no ano passado. Talvez ela repita a visita a tempo de assistirmos à colonização de Marte, que deve ser transmitida pela MTV.

– E a Claire?

– Eu e a minha irmã temos nossos problemas, admito, mas não é nada de mais. Apenas somos muito ocupadas para nos encontrar.

Harriet não disse nada e Meghann se apressou em preencher o silêncio:

– Tudo bem, ela me tira do sério, desperdiçando a própria vida. É inteligente o suficiente para fazer o que quiser, mas continua naquela hospedaria ridícula que eles chamam de resort.

– Com o pai dela.

– Eu não quero falar da minha irmã. E *definitivamente* não quero falar do pai dela.

Harriet bateu com a caneta na mesa.

– Ok, que tal esta: nos últimos tempos, quando você dormiu mais de uma vez com o mesmo homem?

– Você é a única que acha isso *ruim*. Eu gosto de variar.

– Assim como gosta de homens mais jovens, não é? Homens que não querem compromisso. Você dá o fora neles antes que eles deem o fora em você.

– Eu vou repetir: dormir com caras jovens e gostosos que não querem compromisso não é uma coisa ruim. Eu não quero uma casinha afastada, com cerquinha de madeira. Não quero uma família, mas gosto de sexo.

– E da solidão, você gosta?

– Eu não sou solitária – respondeu Meghann, em tom obstinado. – Sou independente. E os homens não gostam de mulheres fortes.

– Homens fortes gostam.

– Então é melhor eu começar a procurar nas academias, em vez de nos bares.

– Mulheres fortes enfrentam os próprios medos. Falam sobre as escolhas difíceis que tiveram que fazer na vida.

Meghann se retraiu.

– Desculpa, Harriet, eu preciso ir. Até semana que vem.

E saiu do consultório.

Era um lindo dia de junho. Início do verão. No resto do país, as pessoas estavam tomando banho de mar, fazendo churrascos e organizando piqueniques à beira da piscina. Ali, na boa e velha Seattle, todos seguiam conferindo metodicamente suas agendas e resmungando que era *junho, que saco*.

Havia uns poucos turistas na rua naquela manhã; dava para reconhecê-los pelos guarda-chuvas enfiados debaixo do braço.

Meghann enfim soltou o ar, atravessando a rua movimentada e adentrando o gramado do parque à beira do lago. Foi saudada por um gigantesco totem. Atrás dele, uma dúzia de gaivotas dava voos rasantes, buscando migalhas de comida.

Ela passou por um banco do parque onde um homem estava encolhido sob um cobertor de jornais amarelados. À frente, a enseada azul-escura se estendia ao longo do horizonte claro. Ela queria tirar algum consolo daquela vista; às vezes conseguia. Naquele dia, porém, sua mente estava presa em outro tempo, outro lugar.

Se fechasse os olhos – o que não ousou fazer –, se recordaria de tudo: de discar o número de telefone; da conversa tensa e desesperada com um homem desconhecido; do trajeto silencioso rumo àquela cidadezinha de bosta mais ao norte. E, o pior de tudo, das lágrimas que enxugou do rosto vermelho da irmã ao dizer: *Estou indo embora, Claire*.

Ela se seguiu à amurada. A Dra. Bloom estava enganada. Falar sobre aquela escolha dolorosa e sobre os anos de solidão que se seguiram não ajudava Meghann em nada.

Seu passado não era um conjunto de lembranças a serem resolvidas; mais parecia uma gigantesca mala com as rodinhas quebradas. Meghann se dera conta disso havia muito tempo. Tudo o que podia fazer era seguir arrastando aquela imensa bagagem.



Todos os anos, em novembro, o imponente rio Skykomish ameaçava ultrapassar suas margens lamacentas. O risco de inundação era cíclico. Em uma dança tão antiga quanto o mundo, os moradores das cidades ribeirinhas observavam e aguardavam, com os sacos de areia a postos para conter o avanço das águas. Suas lembranças perpassavam gerações. Todo mundo tinha uma história para contar sobre o dia em que a água inundou a casa de alguém, ou subiu até o alto da escadaria da granja, ou encheu a esquina da Spring com a Azalea Street. Quem morava nas áreas mais planas e seguras assistia ao noticiário da noite e balançava a cabeça, comentando sobre o absurdo de fazendeiros viverem junto à várzea.

Quando o rio enfim começava a baixar, um suspiro coletivo de alívio percorria a cidade. Emmett Mulvaney, o farmacêutico que assistia religiosamente ao Canal do Tempo na única televisão de tela grande de Hayden, captava informações muitíssimo sutis, que até os meteorologistas experientes de Seattle deixavam passar. Contava sua avaliação ao xerife Dick Parks, que repassava à secretária, Martha. A notícia se espalhava mais rápido do que alguém atravessando a cidade de carro: *Este ano vai correr tudo bem. O perigo já passou.* E, de fato, 24 horas depois da previsão de Emmett, os meteorologistas confirmavam.

Nesse ano não foi diferente, mas agora, em um lindo dia de verão, era fácil esquecer aqueles meses tensos em que os aguaceiros enlouqueciam toda a comunidade.

Claire Cavanaugh estava à beira do rio, as botas surradas cobertas de lama quase até o tornozelo. A seu lado jazia um cortador de grama sem bateria.

Ela sorriu, passando a mão enluvada pela testa suada. Era inacreditável o trabalho que dava organizar o resort para o verão.

Resort.

Era assim que seu pai se referia àqueles 6 hectares. Sam Cavanaugh encontrara o terreno quase quarenta anos antes, na época em que Hayden nada mais era que uma parada de abastecimento na subida para Stevens Pass. Comprou o terreno por uma mixaria e se acomodou na decrépita casa de fazenda que existia lá. Deu ao lugar o nome de River's Edge Resort e começou a sonhar com uma vida livre dos capacetes de construção, protetores de ouvido e noites em claro na fábrica de papel em Everett.

No início, ele trabalhava nos fins de semana e depois do expediente. Começou com uma serra elétrica, uma picape e uma planta rascunhada em um guardanapo de papel. Desbastou áreas para acampamento, limpou uns cem anos de arbustos crescidos, construiu à mão cada um dos chalés de pinheiro à beira do rio. Agora, o River's Edge era uma próspera empresa familiar. Havia

oito chalés ao todo, cada um com dois lindos quartinhos, um banheiro e um deque de frente para o rio.

Nos últimos anos, eles haviam construído uma piscina e uma sala de jogos. Havia planos de fazer um campo de minigolfe e uma lavanderia. Era o tipo de lugar para onde as famílias retornavam, ano após ano, para passar suas preciosas férias.

Claire ainda recordava a primeira vez que vira aquele lugar. As imensas árvores e o rio cor de prata tinham parecido um paraíso para uma garota criada em um trailer na área mais pobre da cidade. As lembranças de sua infância, antes do River's Edge, eram nebulosas: uma cidade horrível depois da outra; apartamentos mais feios ainda, em prédios decrepitos. E a mãe sempre fugindo de alguma coisa. Ellie havia se casado diversas vezes, mas Claire não conseguia recordar um homem sequer que tivesse durado mais do que uma caixinha de leite. Era de Meghann que Claire se lembrava. A irmã mais velha que cuidava de tudo... e que um dia foi embora, deixando Claire para trás.

Agora, tantos anos depois, quase não havia conexão entre as duas irmãs. Elas se falavam por telefone algumas vezes ao ano. Nos piores dias, comentavam apenas sobre o clima. Então, invariavelmente, Meg recebia “outra ligação” e desligava. A irmã adorava mostrar quanto era bem-sucedida. Meghann passava muito tempo resmungando sobre como Claire se contentava com pouco. “Vivendo nessa hospedaria idiota, limpando a bagunça dos outros” era o discurso habitual. Todo Natal, sem exceção, ela se oferecia para pagar a faculdade de Claire.

Como se ler *Beowulf* fosse melhorar sua vida.

Claire passara anos desejando que fossem amigas, além de irmãs, mas Meghann não estava interessada, e as coisas sempre eram feitas do jeito dela. Tinham exatamente a relação que Meghann queria: eram apenas conhecidas cordiais, que dividiam um laço de sangue e uma péssima infância.

Claire se abaixou para pegar o cortador de grama e cruzou com dificuldade o terreno esponjoso, notando várias coisas a fazer antes do dia da abertura. Rosas que precisavam ser aparadas, musgo a ser raspado do telhado, mofo nos parapeitos das varandas. E ainda tinha que cortar a grama. O longo e úmido inverno se transformara em uma primavera surpreendentemente límpida, e a grama batia nos joelhos de Claire. Ela lembrou que precisava pedir a George, o faz-tudo, para limpar as canoas e os caiaques naquela tarde.

Ela jogou o cortador de grama na caçamba da picape com um baque que sacudiu a base enferrujada.

– Oi, querida. Está indo à cidade?

Ao se virar, ela viu o pai na varanda da recepção. Usava um macacão velho,

manchado de marrom no peito por conta de alguma troca de óleo já esquecida, e uma camisa de flanela.

Ele puxou um lenço vermelho do bolso e limpou a testa, caminhando em direção a Claire.

– Estou consertando aquele freezer. Não precisamos comprar um novo.

Não havia um aparelho que seu pai não conseguisse consertar, mas mesmo assim Claire pesquisaria preços.

– Precisa de alguma coisa da cidade?

– O Smitty tem uma encomenda para mim. Você pode pegar?

– Pode deixar. E pede para o George começar a limpar as canoas quando ele chegar, ok?

– Vou botar na lista.

– E pede à Rita para esfregar o teto do chalé 6. Deu muito mofo no inverno.

Ela fechou a caçamba da picape.

– Você vai jantar em casa?

– Hoje, não. A Ali tem um joguinho de beisebol no Riverfront Park, lembra?

Às cinco.

– Ah, claro. Vou aparecer lá.

Claire assentiu, sabendo que ele iria. Seu pai jamais perdera um evento da vida da neta.

– Tchau, pai.

Ela agarrou a maçaneta da picape e deu um puxão forte. A porta se escancarou com um guincho. Claire se segurou no volante e se içou para dentro.

Seu pai fechou a porta do carro.

– Vai com cuidado. Fica de olho naquela curva depois do poste.

Ela sorriu. Fazia quase duas décadas que recebia o mesmo alerta.

– Eu te amo, pai.

– Também te amo. Agora vai buscar a minha neta. Se voltarem logo, ainda dá tempo de a gente ver *Bob Esponja* antes do jogo.

CONHEÇA OS LIVROS DE KRISTIN HANNAH

Tempo de regresso
A grande solidão
As coisas que fazemos por amor
O caminho para casa
As cores da vida
O Rouxinol
Amigas para sempre
Quando você voltar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

